I
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA BEATRIZ DA SILVA MEDEIROS

APRENDIZAGEM DOS NUMERAIS E QUANTIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

BELÉM
2026

ANA BEATRIZ DA SILVA MEDEIROS

APRENDIZAGEM DOS NUMERAIS E QUANTIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura plena em Pedagogia, pela Unidade Federal do Pará.

Orientador(a): Profª Drª Adelice Braga.

BELÉM
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M488a Medeiros, ANA BEATRIZ DA SILVA.
APRENDIZAGEM DOS NUMERAIS E QUANTIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL : UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO / ANA BEATRIZ DA SILVA Medeiros. — 2026.
27 f.

Orientador(a): Profª. Dra. Adelice Braga
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Faculdade de Educação, Belém, 2026.

1. Educação Infantil. 2. Estágio Supervisionado. 3. Brincadeiras. 4. Linguagem Matemática. I. Título.

CDD 370

ANA BEATRIZ DA SILVA MEDEIROS

APRENDIZAGEM DOS NUMERAIS E QUANTIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de licenciado pleno em Pedagogia.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho para Deus, meus pais, meu esposo e minhas amigas da faculdade que estiveram presentes durante o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aquele que é digno de honra e de glória, por está realizando uma de suas promessas na minha vida, por ter me dado forças para não pensar em desistir, agradeço meus pais Helem e Omar, sou grata pela minha mãe que me levou na escola desde pequena, agradeço por sempre está presente na minha vida como amiga, conselheira e guia. Agradeço ao meu pai que sempre comprou meus materiais escolares e merendas, e nunca deixou faltar nada, agradeço ao meu irmão, pelos momentos de alegria que passamos juntos na infância, agradeço minha avó, que sempre esteve presente na minha vida fazendo-me companheira de seus passeios, agradeço ao meu companheiro Joab por está do meu lado durante toda a graduação e agora toda a vida, agradeço por sempre me ajudar a realizar minhas ideias. Essa conquista não é só minha, mas de todos vocês. Agradeço a professora Adelice Braga por ter aceitado me orientar, por ser compreensiva e excelente professora..

“ Instrui o sábio, e ele se fará mais sábio; ensina o justo, e ele crescerá em entendimento.”

Provérbios 9:9

SUMÁRIO

RESUMO **7**

1 INTRODUÇÃO **8**

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 10

2.1. A Construção do Número e a Mediação Docente 10
2.2 O Lúdico, a Natureza e os Espaços de Aprendizagem 11
2.3 A BNCC e o Campo de Experiência 12

3 METODOLOGIA 13

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS **15**

4.1. O contexto do Estágio - exercício da docência 15
4.2. Atividade 1: Brincadeira da Quantidade 17
4.3. Atividade 2: Joaninha da Quantidade 18

5 REFLEXÃO CRÍTICA: O DIÁLOGO ENTRE A PRÁTICA E O APORTE TEÓRICO **19**

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS **21**

REFERÊNCIAS 22

RESUMO

O presente trabalho apresenta as reflexões sobre as experiências formativas vivenciadas no Estágio Supervisionado na Educação Infantil do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará. No estágio foi elaborado e implementado o projeto pedagógico para o exercício da docência com o tema “Numerais e Quantidades” a partir da observação de uma turma composta por cerca de 15 crianças de 4 a 5 anos, em uma instituição de educação privada localizada no centro de Belém. O projeto foi pensado para trabalhar as quantidades e numerais por meio das brincadeiras, considerando que as crianças apresentavam diferentes saberes e conhecimentos de reconhecimento numérico. Foram planejados cinco momentos com atividades lúdicas que envolveram o trabalho com o campo de experiência "*Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações*" da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dos quais dois são apresentados neste trabalho: “Brincadeira da Quantidade” e “Joaninha da Quantidade”. Observou-se que o brincar estruturado tornou o processo de aprendizagem mais significativo e desafiador. As ações foram desenvolvidas por meio da participação ativa das crianças e mediação pedagógica e observação colaborativa do adulto. Os resultados demonstraram que o uso de atividades lúdicas favoreceu significativamente o engajamento das crianças, contribuindo para a compreensão dos numerais, o desenvolvimento da aprendizagem e a interação entre os pares.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Estágio Supervisionado. Brincadeiras. Linguagem Matemática.

ABSTRACT

This paper presents reflections on the formative experiences lived during the Supervised Internship in Early Childhood Education of the Bachelor's Degree in Pedagogy at the Federal University of Pará. The pedagogical project for teaching practice, focusing on the theme "Numerals and Quantities," was developed and implemented based on observations of a class of approximately 15 children aged 4 to 5 years old in a private educational institution located in the center of Belém. The project was designed to work on dimensions and numerals through play, considering that the children presented different levels of knowledge and understanding of numerical recognition. Five moments with playful activities were planned, involving work with the field of experience "Spaces, times, details, relationships and transformations" of the National Common Curricular Base (BNCC), two of which are presented in this work: "Quantity Game" and "Quantity Ladybug." It is observed that structured play made the learning process more meaningful and challenging. The activities were developed through the active participation of the children and pedagogical mediation and active observation by the adult. The results revealed that the use of playful activities significantly favored the children's engagement, contributing to the understanding of numerals, the development of learning, and interaction among peers.

Keywords: Early Childhood Education. Supervised Internship. Play. Mathematical Language.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência, fruto das vivências e reflexões desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, componente curricular obrigatório do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e tem como objetivo apresentar as reflexões sobre as experiências formativas vivenciadas no estágio. A finalidade do estágio curricular obrigatório é possibilitar a compreensão teórico-prática e propiciar a inserção do estudante na realidade educacional das instituições educacionais.

O estágio foi realizado no segundo semestre de 2024 em uma instituição de ensino privada no centro de Belém e concentrou-se no acompanhamento de uma turma com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos. No desenho curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, no momento que ocorreu o estágio, existem duas disciplinas de estágio na educação infantil: Estágio Supervisionado na Educação Infantil I e Estágio Supervisionado na Educação Infantil II.

Durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil I foram realizadas observações colaborativas que resultaram na elaboração de um projeto de exercício da docência que foi implementado no Estágio Supervisionado na Educação Infantil II.

Durante o período de observação, constatou-se que a metodologia adotada para o trabalho com a linguagem matemática baseava-se na repetição de numerais, expostos em cartazes, o que gerava diferentes níveis de compreensão: enquanto algumas crianças reconheciam alguns numerais, outros apresentavam dificuldades básicas. Diante da observação de uma prática que se pautava numa perspectiva tradicional e mecanicista, priorizando a memorização auditiva em detrimento da compreensão lógica que usava método tradicional, surgiu o seguinte questionamento: como o lúdico pode atuar como ferramenta mediadora para tornar o aprendizado significativo das quantidades e numerais?

Desta forma, a partir destas observações, a construção do projeto se justifica pela identificação da dificuldade presente, entre as crianças, em relação à linguagem matemática. O projeto traz cinco atividades para serem trabalhadas junto às crianças. Destas cinco atividades, destacamos duas atividades para apresentar neste trabalho, como recorte desta experiência no estágio.

Vale ressaltar que, ao escolhermos o tema “Numerais e Quantidades” para o projeto de estágio, consideramos os diferentes níveis de conhecimento e reconhecimento dos numerais que variavam entre as crianças, pois algumas conseguiam reconhecer os numerais e outras apresentavam dificuldades.

Reitera-se, neste trabalho de conclusão de curso, que a relevância deste estudo reside na necessidade de compreender a criança como sujeito que aprende por meio da interação e da brincadeira, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Justifica-se a escolha do tema pela percepção de que a matemática, quando desvinculada do prazer e da experiência concreta, torna-se abstrata e distante da realidade infantil. Para a formação docente, este trabalho justifica-se como um exercício de práxis, onde ressaltamos a necessária relação teoria e prática na formação inicial do pedagogo.

Este trabalho de conclusão de curso tem os seguintes objetivos a serem alcançados.

Objetivo Geral

- Apresentar as reflexões sobre as experiências formativas vivenciadas no Estágio Supervisionado na Educação Infantil, com foco na aprendizagem das quantidades de numerais por meio da ludicidade.

Objetivos Específicos do TCC:

- Relatar as estratégias e os resultados da implementação do projeto de exercício da docência, focando no engajamento e na aprendizagem das crianças;
- Refletir sobre o impacto da ludicidade no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático;
- Identificar a contribuição do estágio para a formação da identidade docente e para a compreensão da relação teoria-prática.

Para melhor compreensão do percurso investigativo, este TCC está organizado em cinco seções. Além desta Introdução, a segunda seção apresenta a Fundamentação Teórica, onde discute-se a concepção de infância, o papel do lúdico em Vigotski e o trabalho com a linguagem matemática. A terceira seção detalha a Metodologia, caracterizando a pesquisa-participante e os instrumentos de coleta de dados. A quarta seção dedica-se à Apresentação e Discussão dos Resultados, descrevendo as atividades "Brincadeira da Quantidade" e "Joaninha da Quantidade" sob a luz da teoria. Por fim, as Considerações Finais

sintetizam as aprendizagens e a relevância da pesquisa para a área educacional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Infantil não deve ser entendida como um mero espaço de recreação ou de preparação escolarizante para o Ensino Fundamental. Ela exige uma ação educativa que encoraje as crianças a criar seus próprios caminhos e, por isso, para compreender o que constitui uma prática pedagógica transformadora, é preciso definir o conceito de atividade.

Nessa perspectiva, dialogamos com Vázquez (1977), que explica sua concepção sobre *atividade em geral*:

> Por atividade em geral, entendemos o ato ou conjunto de atos em virtude do qual um sujeito ativo (agente) modifica uma determinada matéria-prima. (...) A atividade propriamente humana só se verifica quando os atos dirigidos a um objeto para transformá-lo se iniciam com um resultado ideal, ou finalidade, e terminam com um resultado ou produto efetivo, real. (Vázquez, 1977, p. 186-187),

Transpondo esse conceito para a sala, percebemos que a atividade não pode ser uma "sequência ocupadora de tempo". Ela precisa estar ligada aos objetivos da professora, permitindo que as crianças reflitam e socializem saberes. Quando a criança age sobre o objeto de conhecimento (o número, por exemplo), ela deixa de ser receptora passiva para se tornar sujeito ativo de sua estrutura de conhecimento (Veiga, 2008).

2.1. A Construção do Número e a Mediação Docente

A introdução da Matemática na vida da criança é um momento delicado e, por este motivo, uma apresentação "seca" ou puramente técnica desses conceitos pode gerar bloqueios duradouros. Não podendo ignorar o fato que a criança já traz consigo conhecimentos preexistentes de seu contexto social, e o papel da escola é mediar a passagem desse conhecimento cotidiano para o conhecimento científico. Kamii (1990) reforça que o número não é aprendido de forma isolada:

> [...] A criança não constrói o número fora do contexto geral do pensamento no

> dia-a-dia. Portanto, o professor deve encorajar a criança a colocar todos os tipos de coisas, ideias e eventos em relações todo o tempo, em vez de focalizar apenas a quantificação. (Kamii, 1990, p.70)

Sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural, esse pensamento de Kamii ganha uma nova camada: a mediação. Não basta a criança interagir com o objeto; é a intervenção do professor (o "outro mais experiente") que impulsiona o desenvolvimento nas Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP), defendida por Vygotsky (2007). O educador utiliza ferramentas que façam sentido para a criança, e a principal delas é o brincar.

Nesse processo de mediação, o educador deve utilizar ferramentas que façam sentido para a criança, e é nesse cenário que o lúdico emerge não apenas como estratégia, mas como a via principal para essa construção. Para que o professor consiga "*encorajar a criança a colocar coisas em relação*", como sugere Kamii (1990), ele precisa falar a língua da infância, que é, essencialmente, o brincar.

2.2 O Lúdico, a Natureza e os Espaços de Aprendizagem

E o lúdico é a linguagem própria da criança e no contexto do estágio, percebeu-se que a brincadeira não é apenas um recurso didático, mas uma necessidade vital, pois, por meio do brincar, a criança experimenta, organiza-se e recria o mundo.

Craidy e Kaercher (2001), p. 104) afirmam que:

> A brincadeira é algo que pertence às crianças, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. [...] O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro e com o mundo. (Craidy e Kaercher)

Complementando essa visão, Kishimoto (2011) destaca que o jogo educativo equilibra a função lúdica (prazer) e a educativa (conhecimento). Entretanto, essa aprendizagem lúdica não ocorre no vácuo; ela depende do espaço e do ambiente. Na Educação Infantil, o contato com o mundo sensível é vital. Mendonça (2007) nos lembra da importância de as crianças sentirem o "pulsar da vida", algo que muitas vezes é cerceado por ambientes excessivamente higienizados. Como apontam Loureiro e Couto (2023, p. 151) "[...] observa-se uma quebra do tempo e espaço para o brincar das crianças tanto em contextos familiares como escolares, e, em especial, em espaços exteriores."

Dessa forma, a fundamentação deste trabalho une a necessidade da mediação

matemática (Kamii/Vigotski) com a urgência de espaços lúdicos e sensíveis (Kishimoto/Mendonça/Loureiro), garantindo que a criança aprenda numerais e quantidades enquanto exerce plenamente sua infância.

Assim, o trabalho com a linguagem matemática interligado ao lúdico permite que a criança perceba que os números e as formas fazem parte de seu universo de descobertas. Como afirma Veiga (2008, p. 289), a aprendizagem significativa é construída ativamente, pois as crianças "[...] constroem o conhecimento, criando suas próprias interpretações".

Ao tratar sobre a matemática na Educação Infantil, a perspectiva Histórico-Cultural, enfatiza que a criança aprende por meio das interações sociais. O trabalho com os numerais e quantidades, portanto, deve ser visto como a apropriação de um instrumento cultural. Quando a criança participa de uma brincadeira de mercado ou usa a "*Joaninha da Quantidade*", ela está se apropriando de um sistema de signos criado pela humanidade para organizar a realidade e a professora, como mediadora, deve garantir que essa apropriação ocorra de forma dialógica, valorizando a fala da criança e o erro como parte do processo investigativo.

Neste sentido, a apropriação do conceito de número pela criança não ocorre de forma espontânea ou puramente biológica; ela é o resultado de um processo de aprendizado mediado que transforma funções psicológicas elementares em funções superiores. Para Vigotski (2007), o sistema numérico funciona como um instrumento psicológico ou signo que, ao ser internalizado, permite à criança organizar seu pensamento e agir sobre o mundo de forma mais complexa. Assim, as atividades de contagem e associação na Educação Infantil devem ser planejadas para que a criança perceba a utilidade social deste signo, transformando o "contar" em uma ferramenta de comunicação e resolução de problemas cotidianos.

2.3 A BNCC e o Campo de Experiência

Toda essa construção teórica converge para a BNCC (2017), especificamente no campo "*Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações*" que orienta que as crianças devem "manipular objetos, investigar e explorar seu entorno". Assim, o trabalho com quantidades deixa de ser mecânico para se tornar uma exploração cultural e social, respeitando a criança como sujeito de direitos e saberes.

Este campo reconhece que, desde muito cedo, as crianças demonstram curiosidade sobre o mundo físico e social, inserindo-se em situações que envolvem a manipulação de

objetos e a percepção de grandezas. Segundo o documento normativo:

> As experiências devem promover oportunidades para que as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. [...] Nesse campo de experiências, as crianças devem ter oportunidades de se envolver em situações que envolvam quantidades, medidas, formas e orientações espaço-temporais." (BRASIL, 2017, p. 41).

Portanto, o trabalho pedagógico com numerais e quantidades não deve ser visto como uma antecipação de conteúdos do Ensino Fundamental, mas como um direito de aprendizagem que permite à criança "explorar e comparar propriedades de objetos" e "relacionar números às suas respectivas quantidades". A BNCC reforça que tais objetivos só são alcançados quando as interações e a brincadeira são os eixos estruturantes, garantindo que o conhecimento matemático seja construído de forma relacional e contextualizada.

Ao cruzar a teoria histórico-cultural com as diretrizes da BNCC, compreende-se que a atividade pedagógica deve ser um convite à descoberta. O educador, ao planejar situações que envolvam relações e transformações, atua diretamente na Zona de Desenvolvimento Proximal da criança, oferecendo o suporte necessário para que ela transite do saber intuitivo para a sistematização do conceito numérico. É essa base teórica que sustenta as práticas que serão detalhadas a seguir, onde o "contar" deixa de ser uma tarefa mecânica para se tornar uma experiência de exploração lúdica e social.

3. METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência de natureza descritiva, ancorado em uma abordagem qualitativa. A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender a complexidade das relações humanas e dos processos de aprendizagem no ambiente escolar, os quais não podem ser reduzidos a dados meramente estatísticos.

Conforme a perspectiva de Minayo (2018), a abordagem qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais significativo das relações. No contexto deste estágio, tal abordagem permitiu uma imersão no cotidiano da turma e nos ajudou a conhecer às crianças e as dinâmicas da professora acerca do trabalho com a linguagem matemática encontrada no campo de

experiência *Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações*.

A modalidade adotada foi a pesquisa-participante, visto que a estagiária não atuou como uma observadora externa e neutra, mas inseriu-se diretamente no cotidiano pedagógico, colaborando com a professora titular e interagindo ativamente com as crianças. A fundamentação desta escolha encontra respaldo em Minayo (2018, p. 16), ao afirmar que "[...] O observador-como-participante dá mais atenção às situações-problema e utiliza a observação como uma técnica complementar, geralmente empregada concomitantemente".

Este caráter colaborativo foi essencial para que a estagiária pudesse transitar entre o papel de acadêmica em formação e o de proponente de intervenções, reforçando o vínculo com a turma e a compreensão das suas necessidades reais.

Em nosso trabalho abordaremos como técnicas de coleta de dados a observação participante que segundo Gil (2008) é:

> [...] a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo(Gil, 2008.p. 103).

Ao assumir este papel de observadora participante no "interior" da turma, foi possível identificar as nuances do aprendizado matemático e as "desarmonias" pedagógicas que justificaram o projeto de intervenção.

Para o registro sistemático das vivências ocorridas durante o estágio, utilizou-se o diário de campo. Este instrumento serviu para anotar não apenas os eventos factuais, mas as reflexões, as falas das crianças e as percepções da estagiária diante dos desafios da docência.

As conversas informais com a professora da turma muito enriqueceram nossa metodologia e ampliaram nossos conhecimentos, visto que, o universo da aprendizagem infantil por meio da docência, é uma realidade desconhecida que precisávamos conhecer.

Por meio do projeto elaborado e implementado pudemos nos aproximar e identificar a realidade do trabalho com a linguagem matemática na Educação Infantil. Na nossa experiência obtida neste estágio, a análise dos dados coletados no campo será uma ferramenta enriquecedora, visto que nos trás informações únicas e próprias do contexto em estudo. Seguindo esse pensamento buscamos utilizar técnicas de estudo para uma análise dos fatos

que nos permitiu uma melhor reflexão sobre a experiência formativa.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresento o exercício da docência realizado por meio de cinco atividades, das quais discorreremos apenas duas atividades principais. Mais do que descrevê-las, buscaremos analisar as reações das crianças sob a luz dos autores que fundamentam este trabalho, observando como o espaço e a mediação influenciaram a aprendizagem.

4.1. O contexto do Estágio - exercício da docência

Durante o período de observação constatou-se que a instituição atendia exclusivamente o segmento da Educação Infantil e possuía em sua estrutura física: cinco salas, uma copa, um refeitório, uma secretaria, uma sala da direção/coordenação, uma área aberta com brinquedos de parquinho que as crianças utilizavam durante o intervalo, e um *dôjô* para as aulas de artes marciais e espaço para balé. Um espaço satisfatório para o desenvolvimento das atividades propostas pelas professoras da instituição.

Ao viver o cotidiano com as crianças dentro da sala foi observada a dificuldade das crianças na aprendizagem dos números/numerais. A professora da turma, com o intuito de fazer com elas aprendessem os numerais, pedia para que as crianças sentassem no chão para contarem de forma corrida os numerais de 1 a 50 que estavam expostos na parede, apontando os numerais um de cada vez.

Diante desta situação, observada e refletida, optamos por um projeto que abordasse essa temática de forma lúdica e que envolvesse as crianças. O projeto foi pautado no campo de experiência "*Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações*", no objetivo *EI03ET07* da Base Nacional Comum Curricular.

> [...] a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. (BNCC, 2017, p. 43)

De acordo com a BNCC (2017) a Educação Infantil precisa desafiar, instigar a observação, a exploração e o pensamento crítico e criativo das crianças. E segundo as

Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação Infantil - DCNEI (2010) em seu art.9 “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira [...] (BRASIL,2010, p.4).

Neste sentido, a linguagem matemática, importante para o desenvolvimento infantil, precisa considerar as interações e as brincadeiras. Na educação infantil as crianças estão construindo os conceitos e aprendizagens que irão conduzi-las em sua vida e estão em uma fase de curiosidade e investigação, sendo assim, é de suma importância que a linguagem matemática seja trabalhada de maneira adequada, possibilitando que a criança participe ativamente na construção desse conhecimento, por meio de atividades e jogos lúdicos.

As crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem podem apenas ser reflexo de uma didática inapropriada para a especificidade da Educação Infantil e, por isto, a docência para a primeira etapa da Educação Básica precisa estar atenta e desenvolver uma escuta sensível, enxergando o protagonismo infantil. É nesse contexto que o lúdico surge como uma linguagem própria da criança e capaz de proporcionar uma educação de maior qualidade e também mais prazerosa para as crianças (Ferreira, 2017.p.2)

É importante salientar que na Educação Infantil encontramos uma pluralidade de infâncias, com diferentes características e necessidades e esse é outro ponto que a professora precisa considerar ao elaborar seu planejamento e a metodologia de trabalho escolhida para sua turma. Nesse cenário o lúdico é uma ferramenta pedagógica poderosa capaz de integrar o aprendizado e o desafio, proporcionando uma experiência educacional mais significativa na vida da criança.

Kishimoto (2011) afirma que é importante refletir que a educação ao integrar componentes do jogo e do lúdico, cria uma ligação entre a imaginação das crianças e o cotidiano delas, proporcionando experiências e vivências no processo educacional. Vale ressaltar que, a prática pedagógica contendo esses elementos lúdicos, como os jogos fará com que a criança tenha um desempenho melhor em seu processo de aprendizagem, pois “no âmbito da construção da aprendizagem, alguns jogos têm o propósito de auxiliar na aprendizagem e desenvolvimento, do raciocínio matemático e conhecimento linguístico” (Cotonhoto, Rossetti e Missawa 2019, p.40).

Partindo deste contexto de importância do lúdico, elaboramos e implementamos o projeto de exercício docente utilizando a linguagem lúdica. Assim, foram trabalhadas em

cinco semanas (terça-feira) atividades que envolveram as quantidades e numerais de forma lúdica. Neste trabalho apresentamos um recorte desta experiência com duas destas atividades: “Brincadeira da Quantidade” e “Joaninha da Quantidade”, que descreveremos a seguir.

4.2. Atividade 1: Brincadeira da Quantidade

A atividade *Brincadeira da Quantidade* visava fazer uma associação do numeral a sua quantidade - com os seguintes recursos didáticos: dois dados, um com 6 numerais e outro com 4 numerais, 10 folhas de papel A4 com desenhos aleatórios para representar a quantidade de cada numeral, até o 10, por exemplo: 1 bolo, 2 lápis, 3 copos, 4 pastéis, 5 estrelas, 6 corações,7 lâmpadas, 8 bolas, 9 peixes e 10 gatos.

A atividade foi desenvolvida a partir do pedido, para a professora titular da turma, de permissão para colocar as crianças sentadas no chão, e ela permitiu. Quando foi iniciada a arrumação da sala com as mesas na parede para dar mais espaço para a atividade no chão, todas as crianças também quiseram ajudar, cada uma escolheu seu lugar e foi feito um círculo no chão com todas.

A atividade foi desenvolvida da seguinte maneira: cada criança deveria jogar o dado para cima, o numeral que aparecesse ao cair o dado, a criança deveria procurar nas folhas que estavam presas no chão - com uma fita para não voar- a folha que possuísse a quantidade de desenhos correspondente ao numeral que “caiu”, a criança teria um tempo combinado para encontrar a folha correta, mas se tivesse dificuldade os demais poderiam ajudar.

A atividade foi bem recebida pelas crianças e todas participaram e repetiram mais de uma vez, sentamos todas em uma roda no chão e cada uma esperou sua vez, algumas mais pacientes que outras. Na turma havia um menino com laudo, esta criança atípica inicialmente participou, depois foi brincar com os brinquedos da sala, mas logo em seguida queria pegar o dado dos outros colegas, a professora interveio e o acalmou, e ele se sentou novamente conosco. As crianças ficaram bem à vontade para tirar quaisquer dúvidas que pudessem surgir sobre a atividade.

Conforme discutido na fundamentação, esta atividade operacionaliza o que Kamii (1990) defende sobre não isolar o número da vida cotidiana e ao interagir com o dado e os colegas, a criança coloca "ideias em relação". Além disso, a ajuda mútua observada entre as crianças - onde os que sabiam mais auxiliavam os que tinham dificuldade - exemplifica a

atuação na Zona de Desenvolvimento Proximal (Vigotski, 2007). A estagiária - em seu exercício de docência - , como mediadora, criou o cenário, mas a aprendizagem ocorreu na interação social, transformando o número em um instrumento de jogo e comunicação.

4.3. Atividade 2: Joaninha da Quantidade

A segunda atividade que iremos tratar aqui é a intitulada "*Joaninha*". Os recursos didáticos foram 10 joaninhas impressas em 20 folhas, tinta guache, cotonete; também foi feito um sol em 20 folhas, cotonetes, canudos e papel cartão. A atividade foi desenvolvida com a entrega, para cada criança, de uma folha contendo 10 joaninhas, e em cada uma delas a numeração de 1 a 10. As crianças teriam que pressionar o cotonete que tinha tinta guache, a quantidade de número acima dela, por exemplo: a joaninha que tiver o numeral 2 na asa dela, a criança teria que pressionar o cotonete duas vezes, deixando duas bolinhas na asa.

A atividade agradou muito as crianças, pois elas gostavam de mexer com tinta e fizeram a atividade com facilidade, contudo precisaram de ajuda para fazer os pingos. Para a higiene das mãos com as tintas utilizamos lenços umedecidos para limpá-las.

Algumas crianças sujaram-se além das mãos, mas ficaram felizes e brincando, e esse momento irá ficar na lembrança delas que se divertiram, sorriram e se movimentaram, e isso é bacana de ver, porque o pulsar da vida é viver. Vale ressaltar que o trabalho com as crianças precisa fazer sentido e as atividades lúdicas e cooperativas estarão proporcionando a criação de boas memórias, com interações com seus amigos, fazendo atividades educativas com o apoio das professoras que deve provocar a curiosidade nas crianças.

> Aprender matemática é um processo contínuo de abstração no qual as crianças atribuem significados e estabelecem relações com base nas observações, experiências e ações que fazem, desde cedo, sobre elementos do seu ambiente físico e sociocultural. (FIORENTINI, 2023, p. 23).

Assim, podemos compreender que a aprendizagem da linguagem matemática não deve ser pelo processo de memorização mecânica dos nomes dos numerais, mas um processo ativo onde a criança pode pensar sobre o conhecimento histórico e culturalmente construído, construído seus saberes por meio das experiências, com uma metodologia dinâmica constituída por atividades lúdicas e cooperativas. Destacando que as brincadeiras e interações, eixos estruturantes do currículo da Educação infantil, proporcionam as relações e significados

que formam a base da linguagem matemática.

Aqui, a análise dialoga diretamente com Kishimoto (2011), pois a atividade cumpriu sua "função dual": foi lúdica pelo prazer da pintura e educativa pela fixação da quantidade. Entretanto, um ponto crítico de análise foi o receio inicial de alguns em se sujar, o que nos remete à reflexão de Mendonça (2007) sobre ambientes excessivamente "higienizados" que afastam a criança do "pulsar da vida".

Ao permitirmos que o aprendizado matemático ocupasse o espaço da sala de forma menos rígida, combatemos o que Loureiro e Couto (2023) chamam de "*quebra do espaço para o brincar*". A criança pôde sentir a textura da tinta enquanto organizava o pensamento matemático, cumprindo os objetivos do campo de experiência da BNCC de "manipular objetos e investigar o entorno".

5. REFLEXÃO CRÍTICA: O DIÁLOGO ENTRE A PRÁTICA E O APORTE TEÓRICO

Ao cruzar os dados colhidos no diário de campo com o aporte teórico, percebe-se que a experiência de estágio confirmou a tese de Vázquez (1977) sobre a atividade humana: as crianças não foram receptoras passivas, mas agentes que transformaram a "matéria-prima" (os materiais didáticos) em conhecimento efetivo.

A maior contribuição desta experiência foi perceber que a matemática na Educação Infantil não precisa ser "seca", pois, quando mediada por uma professora que entende a brincadeira como linguagem (Craidy e Kaercher, 2001), a sala torna-se um espaço de autonomia e inclusão, onde até a criança com laudo encontrou formas de participar dentro de suas possibilidades, respeitando-se o tempo e o espaço de cada infância.

A experiência vivenciada no estágio permitiu confrontar a realidade do "chão da escola" com as teorias estudadas ao longo da graduação em Pedagogia. A observação inicial revelou uma prática de trabalho com a linguagem da matemática baseada na repetição coral de numerais de 1 a 50 expostos na parede. Tal metodologia, embora comum, distancia-se da aprendizagem significativa, pois foca na memorização mecânica e não na compreensão das relações de quantidade.

Ao propormos atividades como a "Brincadeira da Quantidade" e a "Joaninha da

Quantidade", buscamos operacionalizar o que a BNCC define como a necessidade de promover experiências onde as crianças possam "fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno". A reflexão crítica sobre essas ações revela pontos cruciais:

A utilização do dado e da pintura com cotonete não foram meros recursos de entretenimento. Conforme Vygotsky, o brinquedo é uma "fonte principal de desenvolvimento" que cria uma situação imaginária onde a criança age acima de seu comportamento diário. Na "Brincadeira da Quantidade", ao jogar o dado e buscar a folha correspondente, a criança não estava apenas contando; ela estava operando mentalmente símbolos e quantidades em um ambiente de cooperação onde, se houvesse dificuldade, "os demais poderiam ajudar". Esse auxílio mútuo reflete a importância das interações, que são eixos estruturantes do currículo infantil.

A análise das atividades corrobora a tese de Kishimoto (2011) sobre a dualidade do brinquedo educativo. A "função lúdica" foi plenamente atingida pelo prazer e engajamento demonstrado pelas crianças, que "ficaram felizes e brincando" mesmo ao sujar-se com a tinta. Simultaneamente, a "função educativa" manifestou-se na construção do raciocínio lógico-matemático e no desenvolvimento da coordenação motora fina ao pressionar o cotonete sobre as joaninhas. Como afirmam Cotonhoto, Rossetti e Missawa (2019), o jogo auxilia no desenvolvimento do raciocínio matemático e do conhecimento linguístico de forma orgânica.

Um ponto de reflexão crítica indispensável refere-se à criança atípica na turma. A necessidade de mediação específica quando a criança tentava tomar o material dos colegas e a sua ausência na segunda atividade demonstram que o planejamento docente deve ser permanentemente flexível. Ferreira (2017) ressalta que o lúdico é uma ferramenta capaz de atender a diversidade das crianças e suas necessidades, mas isso exige do professor uma "escuta sensível" e o desenvolvimento de metodologias diferenciadas.

Finalmente, a experiência revelou que o trabalho da professora na Educação Infantil não é de "transmissão de conteúdos", mas de mediação. Ao integrar o lúdico, criamos memórias positivas e permitimos que as crianças sintam o "pulsar da vida" no espaço escolar, conforme defendido por Mendonça (2007). A percepção de que as crianças se afastam da natureza e de experiências sensoriais ("menino sai da terra") reforça a importância de atividades que envolvam o corpo e o movimento no aprendizado da matemática.

A prática pedagógica reflexiva, assim, demonstrou que a matemática, quando

trabalhada por meio das interações e da brincadeira, deixa de ser um conjunto de símbolos abstratos para se tornar uma linguagem viva, capaz de promover a autonomia e a confiança do sujeito infantil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar as contribuições das atividades lúdicas para a aprendizagem de numerais e quantidades na Educação Infantil, partindo da problemática de como superar o método tradicional e mecânico da matemática. Ao finalizar este relato de experiência, é possível afirmar que os objetivos propostos foram plenamente atingidos, revelando que a matemática, quando mediada pelo brincar, deixa de ser um campo de abstrações áridas para se tornar uma linguagem viva e significativa para a criança.

A análise das atividades pedagógicas permitiu responder à questão central desta pesquisa: *o lúdico não é apenas um "recurso" para prender a atenção, mas a via principal de mediação* na Zona de Desenvolvimento Proximal, como proposto por Vigotski. Por meio da "*Brincadeira da Quantidade*" e da "*Joaninha da Quantidade*", observamos que as crianças não apenas memorizaram símbolos, mas estabeleceram relações lógicas de quantidade, autonomia e cooperação.

O diálogo com as teorias de Kamii (1990) e Kishimoto (2011) confirmou que, ao respeitar o tempo da infância e a necessidade de manipulação de materiais concretos, o educador evita bloqueios cognitivos e promove uma alfabetização matemática afetiva e duradoura.

No que tange à formação inicial, o Estágio Supervisionado consolidou-se como o elemento crucial da práxis docente. Para esta acadêmica, a vivência na UFPA e no campo de estágio permitiu a transição do saber teórico para a sensibilidade pedagógica. Compreender o "pulsar da vida" e a importância dos espaços exteriores, conforme discutido por Mendonça (2007), Loureiro e Couto (2023), transformou minha visão sobre o currículo da Educação Infantil, que deve ser indissociável entre o cuidar e o educar.

Para a universidade e para o debate acadêmico, este relato reafirma a necessidade de estudos sobre a prática docente na Educação Infantil e a diversidade de saberes encontrados na turma demonstram que o planejamento flexível e lúdico é o caminho para uma educação

verdadeiramente inclusiva.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para futuras investigações na área da Educação Matemática para a primeira infância, servindo de subsídio para professores que buscam ressignificar suas práticas. O aprendizado dos numerais deve ser, acima de tudo, um convite ao protagonismo infantil e à descoberta prazerosa do mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Cláudia Broetto; MISSAWA, Daniela Dadalto Ambrozini. A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 27, n. 28, p. 37-47, 2019.

CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis Elise. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, Juliana de Freitas; SILVA, Juliana Aguirre da; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. **A importância do lúdico no processo de aprendizagem**. 2017. Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20IMPORTANCIA%20DO%20LUDICO%20NO%20PROCESSO.pdf. Acesso em: 05 de abr. de 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAMII, Constance. **A criança e o número**: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Campinas: Papirus, 1990.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOUREIRO, C.; COUTO, A. O brincar e a natureza. **Revista de Educação Infantil**, v. 12, n. 1, p. 145-160, 2023.

MENDONÇA, R. **O pulsar da vida**: fundamentos da educação ambiental e do despertar da sensibilidade. São Paulo: Aquariana, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática: o ensino e suas relações**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.